

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 24/03/2015

- [Projeto “Adolescentes Protagonistas” será lançado em Brasília na quinta-feira, 26/3](#)
- [Nobel da Paz cobra esforços para o combate ao trabalho infantil](#)
- [Programa de aprendizagem vê nos jovens oportunidade de melhorar comunidades](#)
- [Material pedagógico orienta práticas educativas em direitos humanos](#)
- [CPI da Morte e Desaparecimento de Jovens Negros será instalada na quinta-feira](#)
- [Adolescentes se autoflagelam em escola da Zona Norte do Recife](#)

Assunto: Projeto “Adolescentes Protagonistas” será lançado em Brasília na quinta-feira, 26/3

Fonte: Portal Andi

Data: 24/03/2015



Crianças, adolescentes e jovens de quatro escolas públicas e de uma unidade de internação do DF participarão de debates sobre direitos humanos, cidadania e orçamento público e produzirão boletins, programas de rádios e uma revista.

O Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) lançará na próxima quinta-feira, 26/3, às 14h30, no Museu da República, o projeto “Adolescentes protagonistas” – iniciativa desenvolvida pelo Instituto desde 2008 que entra em uma nova fase neste ano. Com o patrocínio da Petrobras, o projeto atenderá cerca de 200 crianças, adolescentes e jovens de quatro escolas do DF (Estrutural/ Guará, Lago Oeste, Paranoá, Cidade Ocidental/Quilombo Mesquita) e a Unidade de Internação de Santa Maria (UISM).

O principal enfoque da iniciativa é assegurar o envolvimento de meninos e meninas na discussão sobre direitos e cidadania, observando como esses temas se relacionam com o orçamento público. A ideia é fortalecer a capacidade de atuação dos/as jovens na conquista de seus direitos e no monitoramento das políticas públicas a eles/as destinadas.

O lançamento reunirá os integrantes do projeto, professores, representantes da Secretaria da Educação do DF e de entidades que trabalham com a defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Saiba mais sobre o projeto

Em um primeiro momento, os integrantes do projeto irão participar de uma série de encontros baseados nos princípios da educação popular, da arte-educação e da educomunicação. Em formato de oficinas, os encontros tratam de questões referentes à participação democrática e organização do Estado, à educação de qualidade, às noções de justiça ambiental e à comunicação.

Como resultado dos diálogos desenvolvidos nas oficinas as crianças, adolescentes e jovens também irão realizar uma pesquisa de percepção nas suas comunidades. A escolha do tema da pesquisa dependerá da priorização dos assuntos elencados pelo próprio público participante do projeto. Nesse momento, a comunidade é envolvida diretamente, visto que os moradores da região são entrevistados pelos integrantes do Adolescentes Protagonistas, com o objetivo de identificar os problemas dos locais.

O “Adolescentes protagonistas” promoverá eventos coletivos, que contarão com todos os participantes do projeto e com a presença de especialistas de diferentes áreas. Rodas de conversas, debates, seminários sobre o processo legislativo, circuito de cinema, participação em Audiências Públicas também farão parte das atividades do projeto. Todas as atividades culminam na produção de conteúdos para diálogos com o poder público.

Paralelamente, os integrantes do projeto irão produzir peças da área de comunicação. A produção da revista Descolad@s, a elaboração de roteiros e produção de programas de rádios e de boletins que serão distribuídos nas escolas e na comunidade estão previstos na iniciativa.

Assunto: Nobel da Paz cobra esforços para o combate ao trabalho infantil

Fonte: Promenino

Data: 24/03/2015

Promenino



Incansável ativista contra o trabalho infantil, o indiano Kailash Satyarthi, Prêmio Nobel da Paz de 2014, levanta uma bandeira: “Vivemos em um mundo globalizado. Vamos também globalizar a compaixão humana”. A afirmação foi feita durante uma sessão sobre a Erradicação da Escravidão Infantil para 2030, em uma audiência na Organização das Nações Unidas, em Nova York.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), há 168 milhões de meninos e meninas trabalhando em todo o mundo – sendo mais da metade em atividades classificadas como as piores formas. Em sua fala, Satyarthi enfatizou: “Por trás de cada dado estatístico, há um clamor pela liberdade de um garoto ou de uma garota a quem não escutamos. Este é um grito de uma criança que pode jogar, que pode amar, uma criança que pode ser criança”.

Para Susan Bissell, diretora da área de Proteção Infantil do Unicef, também presente no encontro realizado na terça-feira (17), “quando se empodera as famílias social e economicamente, isso gera sua resiliência para reconhecer a escravidão infantil. Ao estar sensibilizados de seus direitos e de como exercê-los, podemos proporcionar o primeiro golpe a escravidão”, afirmou.

“Eu me nego a aceitar que algumas crianças nascem para viver sem dignidade humana”, completou Satyarthi.

Assunto: Programa de aprendizagem vê nos jovens oportunidade de melhorar comunidades

Fonte: Promenino

Data: 24/03/2015

Promenino



A primeira informação importante ao aproximar-se dos conceitos que fundamentam o Projeto Pescar é que, no contexto que o rodeia, a palavra *jovem* é um título em si, não requer qualquer adjetivo ou complemento abonador. Neste domínio, basta ser jovem para ser capaz e transformar realidades. Em seguida, entra em cena o conhecido provérbio do filósofo chinês Lao-Tsé: “Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia. Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo toda a vida”. Sob esses dois pilares, foram sendo construídas, desde 1976, as bases para esta iniciativa de formação de jovens em situação de vulnerabilidade social para a sua integração ao mundo do trabalho.

“O que fazemos, e nos inspira, é fazer o jovem atuar e pensar de forma diferente, autônoma, para que possa construir uma sociedade diferente, para ele, sua família, seus filhos, seus vizinhos”, declara a pedagoga Silvia Ramirez, que atua há dez anos na Fundação Projeto Pescar, hoje como gerente de Qualificação e Acompanhamento. Para este objetivo, a Fundação (com sede em Porto Alegre e núcleos em Santa Catarina, São Paulo e Paraná) oferece programas socioprofissionalizantes, gratuitos, destinados a jovens entre 16 e 19 anos, contando com a parceria de empresas, organizações e cooperativas, que recebem os alunos em seus ambientes de trabalho para a realização do curso.

Segundo ressaltou Edgar Bortolini, presidente da organização, em entrevista à “Revista Aprendiz”, faz parte da metodologia do Programa Pescar que esse jovem tenha contato com o mundo corporativo desde o primeiro dia de formação. “É importante para o desenvolvimento pessoal, pois são trabalhados a postura, a disciplina e o respeito à diversidade de opiniões e culturas e à hierarquia organizacional”, diz.

Hoje, mais de 100 empresas parceiras, espalhadas pelo Brasil, de setores diversos, com destaque para indústria e comércio, emprestam seus espaços à fundação, onde são montados uma sala de aula, um laboratório, a depender da demanda de cada curso. “São elementos que não se encontram em um programa de serviço de convivência e fortalecimento de vínculos”, observa Sílvia. “Tem um lado concreto que, com a aprendizagem, os jovens começam a exercitar antes, como o compromisso com o horário, a disciplina, as regras de um contrato de trabalho. E o adolescente precisa das coisas mais concretas.”

Na perspectiva da empresa, este processo facilita a identificação de talentos. O programa, porém, é concebido essencialmente para a comunidade. “Sempre que temos uma empresa parceira, não olhamos para sua demanda, mas para o mercado possível para o jovem naquela faixa etária”, esclarece Sílvia. “Muitas vezes a empresa está ajudando a formar alguém para algo que não tem relação com o seu fazer. Pode estar formando para seus clientes, sua cadeia de fornecedores, ou em última instância para o desenvolvimento dessa comunidade.”

Na avaliação da gestora, a aprendizagem é um exercício para a vida profissional, que precisa ser encarado como uma formação antes de ser um trabalho. “Acho que é esse o grande desafio, cuidar para que a formação seja vista como tal. A gente não quer que o nosso jovem seja um eterno aprendiz, mas que ele possa ser assim uma vez e depois seguir efetivado no mundo do trabalho”, aponta Sílvia.

Currículo

O Programa Pescar tem diversos tipos de cursos, sendo que 40% de sua carga horária dedica-se ao eixo tecnológico escolhido pela empresa – controle e processos industriais; produção industrial; gestão e negócios; informação e comunicação; ambiente, saúde e segurança; hospitalidade e lazer; ou infraestrutura – e 60% ao exercício do protagonismo juvenil e competências básicas para o trabalho.

Neste processo, que dura aproximadamente um ano, um educador social – que por formação é psicólogo, assistente social ou pedagogo – acompanha a evolução dos alunos e todos os fatores da aprendizagem, que vão desde uma conversa inicial com a família no momento da seleção, passando pela frequência escolar, até a composição e evolução do programa. “Para os conteúdos específicos”, explica Sílvia, “este educador compõe um quadro de colaboradores voluntários, que são geralmente funcionários da empresa especializados no assunto, ou externos, integrantes da rede de atendimento, por exemplo”.

Assunto: Material pedagógico orienta práticas educativas em direitos humanos

Fonte: Promenino

Data: 24/03/2015

Promenino



"Que tempos são esses em que é necessário defender o óbvio?". Em tom de denúncia e reflexão, os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Frei Francisco de Mont'Alverne Frei subiram ao palco da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato. O grupo representou militantes perseguidos e mortos durante o período da ditadura militar (1964-1985) e bradou a liberdade na forma de intervenções poéticas. A apresentação da instituição diz muito sobre as expectativas que pairam sobre as escolas da rede municipal de São Paulo: de que elas eduquem em direitos humanos. A diretiva foi o que uniu a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) e a Secretaria Municipal de Educação (SME), em parceria com o Instituto Vladimir Herzog, e resultou no lançamento do material pedagógico "Respeitar é Preciso", na manhã da sexta-feira (20 de março).



Um trabalho integrado

A publicação surge como continuidade do programa Centros de Educação em Direitos Humanos (CEDHs), lançado pela Prefeitura de São Paulo no final do ano passado. São cinco cadernos que abordam orientações gerais e também temas específicos para orientar as práticas escolares:

Igualdade e Discriminação, Democracia na Escola, Respeito e Humilhação e Sujeitos de Direitos.

O processo de construção do material partiu de um mapeamento prévio junto às escolas que hoje integram os Centros de Educação em Direitos Humanos. Nessa fase inicial são 20 instituições, atendidas pelos pólos criados nos CEUs São Rafael (zona leste), Jardim Paulistano (norte), Pêra-Marmelo (oeste) e Casa Blanca (sul). Dessa escuta inicial com os educadores foram levantadas questões e desafios presentes nas práticas cotidianas e que acabaram sendo sistematizadas ou abordadas em temas correlatos.

Para a coordenadora educacional do Vlado Educação, frente de atuação do Instituto Vladimir Herzog, isso traz um diferencial à orientação pedagógica. "Fazer com que essas instituições se sintam contempladas, é uma forma de estabelecer significado entre as reflexões e a prática", reforça.

Na visão do coordenador de educação em direitos humanos, Eduardo Bittar, o diálogo proposto é necessário para que as escolas se apropriem do conhecimento e, a partir dele, possam transformar as suas realidades. "Somos conhecedores de vários processos lamentáveis vivenciados por nossas escolas, como a violência, o desprezo social, o próprio despreparo técnico, o *bullying*, atos de racismo e tantos outros", enumera. "Entendo que para enfrentar essas questões é preciso construir essa educação em direitos humanos e, nessa perspectiva, queremos apoiar os gestores, os educadores e os estudantes", atesta. Bittar acredita que a sociedade carece, sobretudo, de uma mudança de mentalidade para utilizar as ferramentas orientadoras disponíveis.

O pensamento também é compartilhado pela Secretaria Municipal de Educação. O diretor de orientação técnica, Fernando José de Almeida, entende que o trabalho é pela educação cidadã, diferente da educação pela cidadania. "Não queremos falar sobre conceitos de cidadania, mas promover a experimentação de práticas cidadãs que podem culminar em projetos de intervenção social", esclarece.

Um processo de (re) construção

Os gestores são unânimes ao dizer que a primeira versão do "Respeitar é Preciso" não é a final. As 20 escolas serão acompanhadas pela equipe técnica do Instituto Vladimir Herzog nessa etapa de implementação. O processo, como frisa a diretora educacional do Vlado Educação, Ana Rosa Abreu, pretende ser dialógico e orientativo. "Queremos que cada unidade reconheça as possibilidades de atuação frente ao contexto em que estão inseridas". Dessa etapa sairão novos apontamentos que serão considerados para uma segunda edição textual, até que o material possa seguir para, pelo menos, metade da rede municipal, meta pensada para 2016.



Esse percurso deve partir de um reconhecimento das escolas da urgência da educação baseada em valores, como retoma Ana Rosa. "É a partir das práticas escolares que as crianças percebem o respeito, e o fazem uma referência de vida. Para ela, as instituições educacionais são fundamentais não só por serem base da formação das gerações, mas também

por serem espaços de convívio diário, no qual se faz essencial o acolhimento. "As escolas não vão consertar o mundo, mas devem contribuir com a formação de indivíduos capazes de estabelecer outras relações com a diversidade que os cercam", finaliza.

Assunto: CPI da Morte e Desaparecimento de Jovens Negros será instalada na quinta-feira

Fonte: Agência Câmara

Data: 24/03/2015



A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Morte e Desaparecimento de Jovens Negros será instalada nesta quinta-feira (26), a partir das 10 horas, no plenário 10, com a eleição do presidente e vices.

O pedido para a criação da CPI foi do deputado Reginaldo Lopes (PT-MG). O objetivo é apurar as causas, razões, consequências, custos sociais e econômicos da violência, morte e desaparecimento de jovens negros no Brasil.

Ele ressalta que o panorama da violência, extraído do anuário Mapa da Violência de 2014, revela que o Brasil é o País que mais mata no mundo. Para se ter uma ideia, de 1980 a 2012, a taxa de homicídios aumentou 148,5%, totalizando mais de 1,2 milhões de vítimas.

Os aspectos perversos da violência expõe a vulnerabilidade diária vivida por 26% da população formada por jovens de 15 a 29 anos, em sua maioria negros, do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos.

82 mortes por dia

De acordo com o autor da proposta, o quadro descrito no anuário da Violência de 2014 revela que das 56.337 pessoas assassinadas no Brasil em 2012, mais de 30 mil vítimas são jovens. No total, 82 deles morrem por dia, ou 07 a cada 02 horas.

“Não obstante, revela-se igualmente triste e estarrecedor a constatação que 92% dos jovens mortos são homens, e 77% das vítimas, negros. Em algumas capitais do Nordeste, por exemplo, a taxa de homicídio de jovens assume contorno ainda mais dramático e chega a ser 10 vezes maior que a taxa nacional, que é de 29 para cada 100 mil habitantes”, afirma Reginaldo Lopes.

Pesquisa recente feita pela Secretaria Nacional de Juventude aponta que 51% dos jovens ouvidos em todos os estados, em cidades de pequeno, médio e grande porte, e em todos os estratos sociais, já perderam uma pessoa próxima de forma violenta.

Extermínio

“Entre os principais motivos da mortandade da população jovem apontados por estudiosos, os vilões são grupos de extermínio, milicianos e o modelo de repressão policial à violência levado a cabo pelas forças de segurança pública do Estado, geralmente tendo por vítimas jovens negros de periferias, em razão da sua maior exposição”, destaca o parlamentar.

A CPI, que tem o apoio de 188 parlamentares, número superior aos 171 necessários para a sua criação, será constituída de onze deputados federais e igual número de suplentes, obedecendo-se o princípio da proporcionalidade partidária, e terá um prazo de 120 dias para concluir os trabalhos.

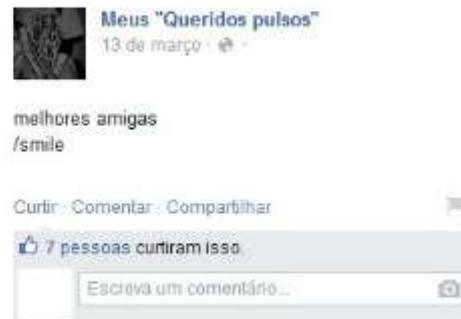
Assunto: Adolescentes se autoflagelam em escola da Zona Norte do Recife

Fonte: Diário de PE

Data: 24/03/2015

DIÁRIO de
PERNAMBUCO

Secretaria de Educação investiga casos de automutilação entre alunas de colégio na Bomba do Hemetério. Um transtorno que assusta mães e "alenta" meninas que não sabem resolver de outra forma suas dores existenciais.



Sites, grupos fechados no Facebook e perfis pessoais nas redes propagam a "filosofia" do autoflagelo. Especialista diz que trata-se de uma via de expressão muito sofrida e que cria dependência. Foto:Facebook/Reprodução

No banheiro de uma escola estadual da Bomba do Hemetério, na Zona Norte do Recife, garotas se cortam longe dos olhos dos professores e pais. Com giletes, compassos e lapiseiras, não se intimidam diante das demais alunas. Ganham atestado de loucas. Em casa, muitas vezes os pais sequer percebem. "Antes, minha filha era alegre, brincalhona, cheia de vida. Hoje, ela é uma menina triste e amargurada. Sofro muito sem conseguir ajudar". O lamento de

dona Amália (nome fictício) veio após outra mãe tê-la procurado para alertar. "Ela disse que a filha dela viu minha menina fazendo essas coisas. Tentei conversar, mas ela não quis me dizer. Meu filho disse que a viu chorando. Na escola disseram que era moda. E eu nem sei há quantas semanas ela corta os pulsos", desabafa. A filha de dona Amália está no primeiro ano do ensino médio, tem 16 anos e é acusada pelas colegas de sumir durante as aulas para se mutilar escondida



Sentir na pele a angústia que assola a mente está longe de ser apenas um dito popular. Muitos adolescentes e jovens buscam na automutilação a solução para seus tormentos mais íntimos. O que está na cabeça reflete no corpo. A dor ganha forma, cicatriz. Os cortes nos braços, pulsos e pernas ocultam um transtorno psicológico que, com a internet, conquista cada vez mais seguidores. E riscos. Vítimas de seus medos, os pacientes não conseguem controlar o impulso do autoflagelo. Muito mais do que chamar atenção, eles tatuam no próprio corpo um pedido de socorro.

Assustada, dona Amália mostra as fotos das pernas da filha, de 16 anos, que não conversa sobre o transtorno. Foto: Arquivo pessoal

Assustada, a mãe da estudante da Bomba do Hemetério diz ter procurado a direção da escola para pedir ajuda. "Eles falaram que não podem fazer nada. Mandaram eu dar um susto na minha filha. Dizer que vou levá-la para a polícia. Ela tem marcas nos braços e nas pernas. São tantas, é um massacre. Mas eu sei que ela não está sozinha. Outras meninas do colégio combinam tudo pelo Facebook. Dentro de casa, eu controlo. Longe, não tenho como impedir", afirma.

A Secretaria de Educação do Estado (SEE) informou à reportagem do Diário não ter recebido qualquer denúncia sobre automutilação dentro da escola da Bomba do Hemetério. No entanto, encaminhou uma equipe para a unidade de ensino e investiga o autoflagelo entre os alunos. Dona Amália foi chamada para uma conversa na Gerência Regional de Educação. Enquanto isso, nas páginas pessoais no Facebook das estudantes, desabafos indicam que o transtorno está longe de ser superado: "Suas palavras me fazem sangrar", diz um post.

"Usava uma gilete como pingente do colar...era a minha segurança"

Ariel tem 17 anos. Mutilava-se desde os 14. Parou sem remédios, psicólogos ou terapias. Durante a conversa, pediu que seu relato fosse usado como exemplo para mostrar que, apesar das angústias, é possível controlar as emoções e viver longe das lâminas.

"Tudo começou quando eu tive uns problemas sérios na família. Meu pai bebia muito e batia

na minha mãe. Meu irmão era viciado em drogas. Só que meu pai ficou doente e, de repente, descobrimos que ele tinha câncer. Não havia mais o que fazer. Ele morreu. Quase entro em depressão, ou entrei, não sei. Procurei alguém pra conversar, mas não encontrei. As pessoas me julgavam. Minha mãe escutou, mas não ajudou. Eu chorava e chorava. Me isolava cada vez mais. Já tinha conhecimento de alguns casos (de automutilação), mas achava idiotice. Pensava que só queriam chamar a atenção. Um dia eu estava com muita raiva e resolvi tentar. Usei um estilete escolar. Eu tinha 14 anos. Aliviou na hora. O problema é que minha dor sempre voltava e eu tinha que me cortar de novo. Fazia cortes cada vez mais profundos. Não sabia como me tratar. Então, me cortava pelo menos uma vez por semana. Usava uma gilete como pingente do colar. Ela estava lá porque eu poderia precisar a qualquer momento e em qualquer lugar. Era minha segurança.

Teve um dia que me cortei muito no pulso. Rompi uma veia. Passei uma semana no hospital. Mas não importava porque eu precisava daquilo para expressar a minha dor. Só parei com 16 anos. Parei porque contei para um amigo e ele não me deixou mais sozinha. Conversava o tempo inteiro e cuidava para que eu não fizesse. Ainda fiz escondido em casa muitas vezes. Minha mãe já estava desesperada. Todo mundo mandava eu parar, como se fosse fácil. As pessoas não conseguem entender o que tem dentro da gente. Claro que eu sabia que aquilo não estava me levando a lugar algum, mas isso só aumentava a vontade. Não é fácil. Procurei na internet depoimentos sobre quem conseguiu superar, li muito sobre autoestima e me abri com meus amigos. Aos poucos, fui aprendendo a lidar comigo mesma, graças a Deus. Fiz tratamentos na pele e também tirei algumas marcas. Algumas pessoas veem essas coisas nas redes sociais e acham legal, começam a fazer. Ninguém sabe como dói. Vai muito além da carne. Hoje, eu estou livre. Minhas cicatrizes mostram o que ainda está em mim, mas eu falo mais alto porque consegui superar".

Doce lâmina que me corta
ela diz que me conforta
afunda em minha pele
e com muito prazer
ela me fere
Se alimenta do meu sangue
e sorri com a minha dor
Ela jura que assim
apagará o meu rancor
Doce lâmina, eu te amo
doce lâmina, eu te chamo
Corte o meu pulso
apenas por impulso
Aprecie o meu sangue
e prometa que vá embora
Não preciso de você
não mais agora..



† Garota suicida †

15 de março · Editado

~Solitario

Curtir · Comentar · Compartilhar

35 pessoas curtiram isso.

2 compartilhamentos

Escreva um comentário...